

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Para onde vai o professor. Resgate do professor como sujeito de transformação.** São Paulo: Libertad, 1996. 112 p.

O professor Celso dos Santos Vasconcellos, pós-graduado em Educação pela PUC/SP, doutorando em Didática pela Universidade de São Paulo, atuou como professor, orientador educacional, coordenador pedagógico, diretor de escola, pesquisador em Educação, conferencista; atualmente, é responsável pelo LIBERTAD - Centro de Formação e Assessoria Pedagógica que presta serviços de assessoria a diversas instituições escolares, tanto públicas como particulares. É também responsável pela publicação da Coleção Subsídios Pedagógicos do LIBERTAD e da Coleção Cadernos Pedagógicos do LIBERTAD - coletânea de textos pedagógicos para reflexão dos educadores.

No prefácio traça “considerações relacionadas com o lugar que o professor ocupa no contexto atual da sociedade brasileira contemporânea: o profissional de educação vem sendo tratado como produto descartável, peça de engrenagem que se move apenas em função da lógica da tecnologia” (p.7); ora, essa nova ideologia supõe uma nova escola e um novo professor que, conscientizado, redimensione seu novo papel: “agente da cidadania e mediador da cultura simbólica, como pensador científico e filosófico crítico” (p.8).

No 1º. capítulo - *Sentido e força-posicionamento* - o autor nos diz que “todo trabalho em educação está impregnado de posicionamento, pois não basta conhecer e ser crítico sem que haja uma tomada de decisão, um compromisso de transformação” (p.12), que considere o educador como sujeito de transformação social.

No 2º. capítulo - *Convite à caminhada* - após constatar que “os educadores são responsáveis pela manutenção da situação em que se encontram” (p. 14), propõe que “é chegada a hora de o professor se assumir como agente histórico de transformação, comprometendo-se com a alteração tanto das condições objetivas, quanto subjetivas de seu trabalho”.

No 3º. capítulo - *O professor diante dos problemas: vítima, vilão ou agente de transformação?* - avalia os variados problemas da educação escolar em relação à estrutura social, à família, à estrutura pedagógica em geral e à construção do conhecimento. Quanto à postura do professor, o autor considera esse tópico em duas abordagens diversas. Primeiro, a negativa, ou seja, evitar as armadilhas

de considerar o professor como **vilão** (único responsável pelo fracasso da educação) e/ou **vítima** (impossibilitado de mudar, devido às condições estruturais). Segundo, a positiva, quando, superando as justificativas para não mudar, o professor adota a postura de **compreender para transformar**. "Procura-se localizar os problemas para poder enfrentar e transformar com mais clareza e firmeza a prática" (p. 27), pois é "justamente nesse momento tão difícil que o professor tem a possibilidade de recuperar sua dignidade e assumir seu papel transformador" (p. 31).

No 4º. capítulo - *Para onde vai o professor?* - o autor inicia falando da perplexidade do professor com tudo aquilo que vem acontecendo com ele, com a escola e com a sociedade, diante das profundas mudanças acontecidas na atualidade (p. 33); em seguida, compara a situação do professor com uma encenação teatral pós-moderna, colorida e atraente, só que com atores vestidos com trajes medievais, significando o desencontro entre o cenário educacional e os atores do processo educativo.

No item I - *Situação atual do professor* - após fazer uma retrospectiva histórica, caracteriza o momento atual e as transformações ocorridas nas últimas décadas: expansão quantitativa (aumento de vagas no 1º. e 2º. graus das escolas públicas e no 3º. grau das particulares), deterioração qualitativa (condições precárias de trabalho, redução salarial drástica, queda do *status* profissional, desvalorização social do professor).

No item II - *O professor é necessário* - procura constatar que o professor é necessário, tanto do ponto de vista da classe dominante (formação de mão-de-obra, ideológica, seleção dos mais aptos, estação de espera, interesses eleitoreiros e até mesmo comércio, com fins lucrativos) como do ponto de vista da população (ascensão social, exigência social, assistência social, campo de trabalho, escola como agência socializadora).

No item III - *Perspectiva de superação* - necessária para resgatar a necessidade social do professor, mas não numa perspectiva saudosista ou alienada. Paradoxo: "nunca se precisou pedir tanto do professor e nunca se deu tão pouco a ele - tanto do ponto de vista da formação, quanto da remuneração e das condições de trabalho" (p. 47). A necessidade de mudança de paradigma tem duas alternativas:

1ª - voltar à educação elitizada: o desgaste da escola pública leva ao "vamos privatizar que então funciona bem".

2ª - comprometer-se com a educação democrática no bojo de um novo projeto de sociedade, que dê novo significado para a escola e para o conhecimento, resgatando a instituição escolar como espaço de humanização. "Para que apren-

der?" foi seguido de "estudar para quê?", seguido de "professor, viver para quê?" (p. 54).

O 5º. capítulo - *Sobre o processo de transformação da prática pedagógica* - o autor inicia com a "denúncia da escola autoritária, elitista, verbalista, voltada para a seleção social e para a inculcação ideológica" (p. 57). Em seguida, enumera "alguns equívocos observados na tentativa de mudança da prática escolar, quanto às concepções, ao processo de mudança, à tentativa de mudança e às estruturas. O núcleo essencial desse capítulo do livro e do pensamento do autor vem, a seguir, no subitem - *Nossa compreensão do processo de transformação*: "entendemos que a mudança não se dá de uma vez, sendo necessário desencadear um processo com abrangência crescente: sala de aula -> escola -> grupo de escolas -> comunidade -> sistema de ensino -> sociedade civil -> sistema político, a partir da criação de uma base crítica entre educadores, pais e alunos" (p. 63). São aspectos desse processo: aproximações sucessivas, aprender com os próprios erros, implantar mudanças gradativas também no setor administrativo, estudar a prática num espaço de reflexão coletiva, enfrentar abertamente os conflitos, acolher as diferenças, desenvolver postura interdisciplinar e sentir o reconhecimento do seu trabalho.

No 6º. capítulo - *Qualidade de ensino* - o autor aborda assunto muito discutido ultimamente, tendo em vista o verdadeiro caos da nossa educação (p. 67), seguido da análise quantitativa dos dados da nossa "famosa e perversa pirâmide educacional" (p. 67), também chamada pirâmide do desperdício (de 100 alunos iniciantes, apenas 20 terminam o 1º. grau). Ora, o resgate da qualidade do ensino hoje, no Brasil, acrescenta o autor, "fundamentalmente passa pela efetiva apropriação significativa, crítica, criativa e duradoura do conhecimento, como mediação para formação do educando como pessoa, cidadão e trabalhador; para tal é necessário e essencial não só seu projeto político-pedagógico que supre a lógica da exclusão, como o resgate da dignidade do professor, através da melhoria da formação acadêmica e da melhoria salarial (p. 68/69).

No 7º. capítulo - *Sobre o espaço de reflexão coletiva e contínua da prática* - diz textualmente o autor: "é essencial esse espaço para um trabalho que se quer crítico e transformador" (p. 76). E mais, como diz Nóvoa: "o diálogo entre professores é fundamental para consolidar saberes emergentes da prática profissional" (p. 79), tanto aqueles saberes passados informalmente no cotidiano, como os que são passados formalmente nos diferentes tipos de reuniões pedagógicas.

No 8º. capítulo - *O professor como sujeito histórico de transformação* - após iniciar com citação de Brecht ("de que lutem toda a vida, esses são os imprescindíveis - p. 83) atribui ao professor papel essencial na transformação

da escola e da sociedade, pois ele é “um dos principais agentes (senão o privilegiado) das mudanças do ensino” (p. 84). Para tal, o professor precisa confiar na possibilidade de mudança, assumir a responsabilidade de transformar, para o que “é decisivo o apoio da comunidade, tanto do ponto de vista da conquista de uma adequada política educacional, quanto do próprio aproveitamento escolar” (p. 98).

O livro se encerra com três anexos: 1) Saúde do professor (dados dos serviços de atendimento médico/hospitalar e da OIT); 2) Quantos somos (dados estatísticos) e 3) Se eu fosse professor (redação de um aluno de 4ª. série do 1º. grau).

Maria Helena Grohmann Rodrigues de Paula
Professora do Curso de Pedagogia da UNISO